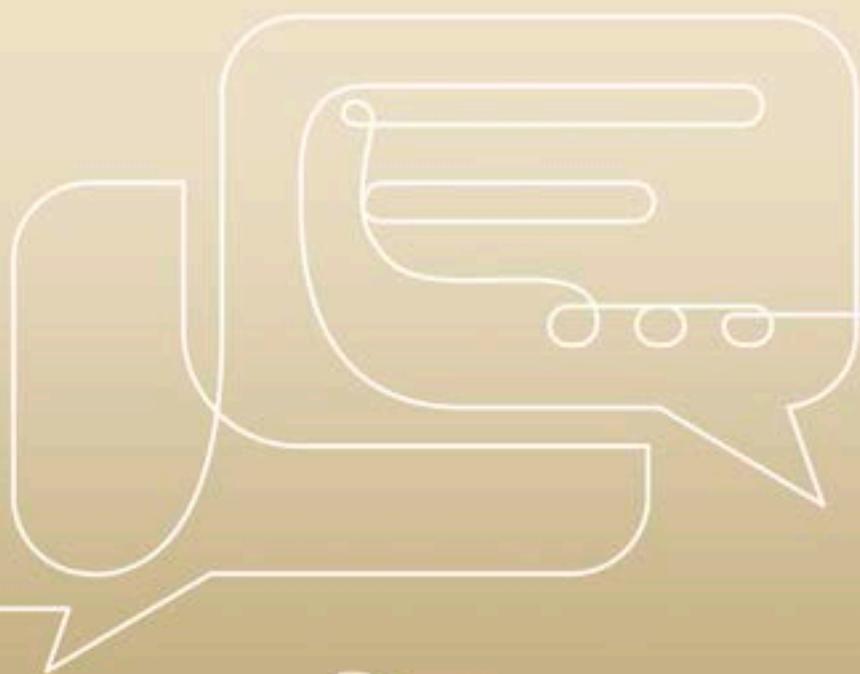


REFLEXÕES SOBRE OS  
**ESTUDOS DA LINGUAGEM**  
NA CONTEMPORANEIDADE

---

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS  
(Organizador)



REFLEXÕES SOBRE OS  
**ESTUDOS DA LINGUAGEM**  
NA CONTEMPORANEIDADE

---

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS  
(Organizador)



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



## Reflexões sobre os estudos da linguagem na contemporaneidade

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Yaiddy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R332 Reflexões sobre os estudos da linguagem na contemporaneidade / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0577-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.771221708>

1. Linguagem. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título.

CDD 418.007

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Em **REFLEXÕES SOBRE OS ESTUDOS DA LINGUAGEM NA CONTEMPORANEIDADE**, coletânea de cinco capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área de Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, no presente volume, reflexões que explicitam essas interações. Nelas estão debates que circundam literatura, escrita de ou em exílio, termos oracionais, arquétipos conceptuais, tuítes, iconicidade, variações linguísticas e libras.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
LITERATURA CLARICEANA EM APROXIMAÇÃO À LITERATURA SCLARIANA: O IMAGINÁRIO CONTEMPORÂNEO DE UMA ESCRITA DE (OU EM) EXÍLIO	
Lemuel de Faria Diniz	
Marta Francisco de Oliveira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217081">https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217081</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
TERMOS ORACIONAIS E ARQUÉTIPOS CONCEPTUAIS: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA DE CONCEITOS DAS GRAMÁTICAS NORMATIVA, DESCRITIVA E COGNITIVISTA	
Daniel Felix da Costa Júnior	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217082">https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217082</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
O MAL-ENTENDIDO EM TUÍTES: BREVES REFLEXÕES	
Débora Cristina Longo Andrade	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217083">https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217083</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
ICONICIDADE NOS SIGNOS MULTIMODAIS DAS HQS	
Darcilia Marindir Pinto Simões	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217084">https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217084</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>51</b>
ANÁLISE DE VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS NA LIBRAS	
Myrna Salerno Monteiro	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217085">https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217085</a>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>63</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>64</b>

# CAPÍTULO 1

## LITERATURA CLARICEANA EM APROXIMAÇÃO À LITERATURA SCLIARIANA: O IMAGINÁRIO CONTEMPORÂNEO DE UMA ESCRITA DE (OU EM) EXÍLIO

*Data de aceite: 01/08/2022*

*Data de submissão: 24/06/2022*

**Lemuel de Faria Diniz**

UFMS/CPCX

Coxim, MS, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/3678265004394791>)

**Marta Francisco de Oliveira**

UFMS/CPCX; UFMS/PPGEL

Coxim, MS, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/5077623703963701>

**RESUMO:** Este artigo faz uma aproximação entre as obras de Clarice Lispector e Moacyr Scliar, considerando o traço de judeidade e sua influência nas escolhas literárias dos dois autores. Embora Scliar tenha deixado clara sua relação com a cultura judaica e tenha feito tirado proveito literário desta influência, Lispector apenas tangencia elementos que, no entanto, podem ser rastreados em seus textos, estabelecendo sua ligação, de modo a transitar literariamente por entre conhecimentos da cultura judaica e da cultura cristã. Recorrendo a pesquisas importantes realizadas por Waldman, Zilberman e outros, os textos selecionados para nossa leitura mostram os modos como a escrita dos autores compõem parte do imaginário contemporâneo que tratam do exílio e suas formas textuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Clarice Lispector; Moacyr Scliar; literatura contemporânea; escrita de exílio.

### CLARICE LISPECTOR AND MOACYR SCLIAR: THE BRAZILIAN CONTEMPORARY IMAGINARY OF LITERATURE AND WRITINGS IN EXILE

**ABSTRACT:** This article brings together the works of Clarice Lispector and Moacyr Scliar, considering the Jewish trait and its influence on the literary choices of the two authors. Although Scliar has made his relationship with Jewish culture clear and has made literary use of this influence, Lispector only touches on elements that, however, can be traced in his texts, establishing their connection, in order to move literarily through cultural knowledge. Jewish and Christian culture. Using important research carried out by Waldman, Zilberman and others, the texts selected for our reading show the ways in which the authors' writings make up part of the contemporary imaginary that deals with exile and its textual forms.

**KEYWORDS:** Clarice Lispector; Moacyr Scliar; contemporary literature; exile writing.

### 1 | INTRODUÇÃO

No conjunto da produção literária do escritor Moacyr Scliar (1937-2011), nossa seleção trata de algumas verificações que podem aproximar a escrita do autor gaúcho à realizada por Clarice Lispector (1920- 1977), uma das grandes e consagradas escritoras brasileiras do século XX, e o modo como apresenta em sua obra uma percepção estética e literária que, embora rompesse com padrões

tradicionais acerca do romance entre os anos de 1940 e 1970, no Brasil, é configurada como um aprofundamento de questões e temas clássicos acerca do imaginário humano. No recorte que buscamos realizar, colocamos em perspectiva o traço de judeidade presente em Lispector, que a coloca em lugar privilegiado para nossa percepção acerca de sua escrita, mais do que *sobre* o exílio, *em* exílio (OLIVEIRA, 2017, p.10), ao lado da produção de Scliar em intertextualidade com sua própria constituição como judeu. Neste respeito, entendemos a ideia de exílio como um traço identificador do povo judeu e do sujeito ocidental, pelo viés literal, mas também metafórica, simbólica e epistemicamente constituído, pois a história dos grupos e de nosso próprio pensamento herdado/legado pela tradição judaica, com clara influência na tradição cristã, está pautada na ideia da sublimação da eterna busca, da perambulação, na consciência de um porvir que nos mantém exilados do que realmente buscamos/esperamos, quer do ponto de vista de expectativas de vida ou de domínio do conhecimento ou da linguagem e da expressão.

A pesquisadora Berta Waldman realizou estudos sobre ambos os autores e, sobre o escritor, assinala que, na condição de brasileiro, nascido em Porto Alegre, no bairro do Bom Fim, em 23 de março de 1937, e judeu, filho de imigrantes da Europa Oriental, Moacyr Scliar traz para a sua literatura as marcas dessa dupla identidade. Para Waldman, “o que o destaca no contexto da literatura brasileira é o fato de ser ele dos raros escritores a tematizar o fenômeno da imigração judaica no país, particularmente no Rio Grande do Sul” (2003, p. 103). Regina Zilberman amplia essa afirmação, pontuando que “competiu a Moacyr Scliar conferir consistência à temática judaica na literatura brasileira”. É certo que ele não a inaugurou, pois antecedeu-o, no Rio Grande do Sul, Marcos Iolovitch, autor de *Numa clara manhã de abril* (1940), obra e escritor admirados por Scliar, instaurando uma espécie de filiação, mas sobretudo uma herança trabalhada, desenvolvida e ampliada. Numa perspectiva nacional, Samuel Rawet, com *Contos do imigrante* (1956), traduziu, com muita propriedade, “a melancolia e o abandono do indivíduo que chega a nosso país no rescaldo do Holocausto”, obrigado a procurar guarida numa nova pátria após a destruição do mundo que precedeu aos campos de concentração nazistas. Zilberman continua:

Coube, porém, a Scliar propor a representação mais completa e inventiva do tema e da personagem judia, traduzindo seu presente e história, seus traumas e cultura, sua participação na sociedade brasileira e a tradição mítica e simbólica legada à humanidade. Abriu um caminho que facultou o aparecimento de mais de uma geração de criativos ficcionistas, como Bernardo Ajzenberg, Bernardo Kucinski, Cíntia Moscovich, Michel Laub, Rafael Bán Jacobsen, Tatiana Salem Levy. E até se pode cogitar que Clarice Lispector só veio a produzir *A hora da estrela*, o romance em que explicita suas afinidades com o judaísmo, após conhecer Moacyr Scliar e ler sua obra. (ZILBERMAN, 2017, p. 10-11)

A leitura mais ampla do conjunto da obra scliariana permite verificar a presença de Clarice Lispector em seus textos. É interessante notar que isso ocorre algumas poucas vezes, em gêneros literários diferenciados: ensaio e crônica. Não foi encontrado nenhum

registro de que Clarice mencionasse Scliar e isso não chega a ser inesperado, visto que ela procurava escamotear as origens de algumas das suas citações. Scliar afirma que Clarice o influenciou, mas nenhum estudioso da obra dele lista a escritora como sendo uma influência para Scliar de modo claramente rastreável. Quanto à Clarice Lispector, não revelou influência ou identificação com autores por sua ascendência judaica, e menos ainda identificou a si mesma como judia. O papel de tornar clara essa relação coube, tanto na vida pessoal como na literatura, à sua irmã mais velha, também escritora, Elisa Lispector. Elisa apresenta elementos importantes da constituição da família Lispector dentro da tradição judaica, bem como usa claramente o termo e a condição de exílio ao utilizar traços de vida, experiência e vivência em sua produção literária, como em *No exílio*, romance publicado em 1948.

O projeto literário de Clarice Lispector, de fato, seguiu outro viés, indicando a mimetização de sua escrita plasmada nos modos de composição da narrativa a cada obra, até a consolidação alcançada no quinto romance, *A paixão segundo G.H.*, em 1964. É interessante observar como a autora vivenciou uma mudança de paradigma ao longo do desenvolvimento de sua escrita literária, e como isso nos permite a aproximação a Scliar. Se, em *A paixão segundo G.H.* já se torna evidente o modo como Lispector redesenha a tradição herdada do judaísmo em sua influência no cristianismo e no imaginário brasileiro, revisitando a seu modo a encenação do sacrifício pelo outro presente na paixão de Cristo, ao escrever os contos encomendados do livro *A via crucis do corpo* (1974), obra que precisou defender da crítica que o considerou como lixo, o corpo e suas exigências e desejos saltam para o primeiro plano mesmo na relação com o sagrado. A via crucis, assim como a paixão, ou paixões, são compartilhadas, retirando-se o elemento sacro para desenvolver a escrita e sua significação no campo do desejo físico, da carne que se sobrepõe ao espírito.

Por outro lado, ao escrever sua última novela, *A hora da estrela*, em 1977, a personagem Macabéa é tanto uma revisitação à tradição judaica e em sua influência na visão de mundo cristã, como um dos títulos oferecidos ao leitor é ‘História lacrimogênica de cordel’; desse modo, Lispector insere personagens marginais de contextos distintos, bem como um gênero literário descentrado, verbalizando, literal e simbolicamente, ‘o direito ao grito’, ou de voz, de novas tendências culturais literárias e de expressão de grupos que também se apropriam de um imaginário, clássico ou popular, e o usa como matéria artística. Nos rastros de Lispector em sua aproximação com Moacyr Scliar, portanto, vemos como arte e artistas ‘migram’ entre os espaços de criação poética, recriam ou inauguram tradições, com especial relevância nestes anos mais recentes de movimentos migratórios e exílicos. A linguagem contemporânea, marcada pelos movimentos e pela inquietação dos grupos, circula artes, autores, obras e leituras, e as formas de ficção e de criação precisam ser analisadas à luz das teorias modernas, literárias e culturais. Moacyr Scliar também faz amplo uso dos textos de uma tradição judaica e cristã para constituir sua literatura. Neste sentido, a relação entre elementos do judaísmo e a literatura se faz

também evidente em Scliar, sobretudo quando se utiliza de personagens e passagens registradas no relato bíblico na composição de sua ficção.

## 2 | CLARICE LISPECTOR E MOACYR SCLiar: ALGUMAS APROXIMAÇÕES

Se Scliar escreveu sobre o fenômeno da imigração judaica no país, particularmente no Rio Grande do Sul, Clarice também tematizou a imigração dentro do Brasil, como se vê na trajetória da personagem Macabéa, de *A hora da estrela* (1977), que sai de Alagoas para o Rio de Janeiro, tanto em uma espécie de trajetória que retoma a própria vida da escritora, desde sua infância, como o imaginário poético da cidade carioca construído por Lispector. Antes disso, porém, a obra clariceana já estava marcada pelos elementos do bios da autora, e em sua novela, publicada no ano de sua morte, sua escrita plasma a mimetização de autoria e narração, de persona e personagem, quando o narrador Rodrigo S.M. compartilha o trabalho de escritor e a infância no nordeste, redesenhando a mesma trajetória na pobre moça nordestina e datilógrafa. Às voltas com a palavra escrita, a literatura do personagem narrador quase sem público cria e apresenta para o público a personagem miserável que tampouco tem desenvoltura com as letras, apesar do curso de datilografia. Ademais, o próprio espaço lhe é hostil: a cidade do Rio de Janeiro é ‘toda feita contra ela’, como se menciona na novela.

Clarice escreve sobre o Rio de Janeiro, mas não com a mesma intensidade e frequência do que Scliar escreveu sobre Porto Alegre. Isso é reconhecido pela crítica Beatriz Resende, quando afirma que “no decorrer dos anos 1960 será parca a presença de Copacabana em nossa literatura.” “Clarice Lispector deixará que sua sombra – parte dela, a do Leme, em especial – surja por entre as narrativas, como em [fragmentos de] *A paixão segundo GH* (de 1964)” (RESENDE, 2008, p. 51). Scliar chegou a escrever dois livros sobre a capital porto-alegrense: *Porto de histórias: mistérios e crepúsculo de Porto Alegre* e *Histórias de Porto Alegre*. É importante observar que os primeiros livros de Scliar têm os acontecimentos ambientados em seu estado, o Rio Grande do Sul, conforme se verifica em seu primeiro romance, *A guerra no Bom Fim* (1972). Nesse, o enredo se desenvolve no Bom Fim, bairro da infância do escritor gaúcho. A sinopse dessa obra abarca o referido bairro: Joel é o protagonista da obra, que mescla realismo e fantasia. Ele rememora seus tempos de menino judeu, quando vivia nos anos 40 do século XX com a família em Porto Alegre, no bairro Bom Fim, o então coração judaico da capital gaúcha. Outras obras do início da carreira literária de Scliar, também ambientados no Rio Grande do Sul do século XX, são: *Os mistérios de Porto Alegre* (cujo título alude a *Os mistérios de Paris*, de Eugene Sue, e a *Mistérios de Lisboa*, de Castelo Branco), livro constituído de contos e crônicas, datado de 1975 e *A balada do falso Messias* (1976), livro que contém dez contos que falam de homens e mulheres que partilham dos anseios e das tradições judaicas.

Passada a fase dos “romances de Porto Alegre”, o tema para a criação de Scliar

também foi alterado. Para Regina Zilberman (2009, p. 116), o segundo período da cronologia literária de Scliar enfoca a exploração da interface judaísmo-Brasil, abarcando obras como *O centauro no jardim*, *A estranha nação de Rafael Mendes* e *Cenas da vida minúscula*, publicadas entre 1980 e 1991. O terceiro período da cronologia scliariana abrange *A mulher que escreveu a Bíblia*, *Manual da paixão solitária* e *Os vendilhões do Templo*, já que, de acordo com a autora, “desde 1999, [...] passaste [referindo-se a Scliar] a privilegiar personagens sugeridas pela leitura da Bíblia hebraica” (*Ibidem*, p. 116). Comentando a afirmação da crítica literária, o escritor explicita, em entrevista:

[...] a temática bíblica ainda é um mistério para mim próprio. Sou um leitor (literário, não religioso) da Bíblia, acho fantásticas as histórias ali narradas, sobretudo porque estas histórias, por sua síntese, implicam desafios; **há “lacunas” pedindo para serem preenchidas pela ficção**. Mas talvez eu esteja voltando a raízes tão longínquas quanto enigmáticas, tentando descobrir o que, afinal, existe de comum entre as pessoas que nós somos e os personagens bíblicos. Não sei se consigo responder a esta questão, só sei que o texto bíblico é uma fonte de **inspiração**. (ZILBERMAN, 2009, p. 117, grifo nosso)

Embora Clarice Lispector não faça uso claro e evidente de uma tradição religiosa e cultural como influência em sua obra, assim como Scliar, Lispector também se vale da *Bíblia* nas suas construções literárias. Berta Waldman reconhece isso quando constata que na obra clariceana se delinea a presença recorrente de “referência ou citação bíblica”. Segundo a estudiosa, a primeira tentativa é a de atribuir essa forte presença a uma possível educação judaica da artista. Porém, além da presença judaica, verifica-se também “a cristã, além de crenças populares, o que sugere o seu empenho de integração no quadro particular das experiências religiosas brasileiras, marcado pelo sincretismo. Todavia, é certo que a Bíblia lhe serviu de base”. A escritora “justapõe aos preceitos bíblicos elementos originários de outras tradições”, sendo que a presença do Novo Testamento, de traços sincréticos relacionados às práticas religiosas no Brasil, “formam um solo híbrido que impede reduzir esses ecos a uma única fonte, radicando o texto num espaço geográfico (o Brasil) e num tempo definido (a modernidade)” (WALDMAN, 2003, p. 37, 44).

Quanto a Clarice Lispector, esta iniciara sua obra ainda muito jovem, com vinte e dois anos, a partir de um romance que surpreendeu a crítica, e gerou argumentos a favor e outros não tão agradáveis para a autora. Se, por um lado, Álvaro Lins se concentra no aspecto ‘psicológico’ de uma escrita ‘feminina’ que percebe em *Perto do coração selvagem* (publicado em 1943), muito mais seria revelado ao longo de anos de leitura e releitura da obra, o que levou a crítica, de modo geral, a valorizar seu livro de estreia. No *Correio da Manhã* de 11 de fevereiro de 1944, Lins afirmou que estava diante de um romance lírico, expressão que usou como título de sua crítica, e considerou que a escritora em língua portuguesa tinha se aproximado da escrita de um lirismo unido ao realismo, no qual o sentimento poético se conjugava com a capacidade de observação aguda do mundo,

chegando mesmo a ser pungente e cruel. Em muitos aspectos, traços biográficos podem ser rastreados na escrita do romance, como matéria ficcional, assim como Scliar comentou ao dizer que “todo autor é autobiográfico quando começa” (ZILBERMAN, 2009, p. 117).

Clarice Lispector desenvolveu sua escrita através da experimentação com o texto, com a linguagem, com a construção do modo de narrar e dos pontos de vista do narrador, como se percebe na leitura de *Perto do coração selvagem*, *A cidade sitiada*, *A maçã no escuro* e *A paixão segundo GH*, com seus estilos distintos de construção narrativa. Embora rompesse com padrões tradicionais acerca do romance entre os anos de 1940 e 1970, no Brasil, é configurada como um aprofundamento de questões e temas clássicos acerca do imaginário humano, abarcando angústias, desejos, a intensidade da incomunicabilidade e a própria percepção acerca dos aspectos de humanidade. *A paixão segundo GH*, por exemplo, demonstra a dimensão da (in)compreensão do gênero humano e seu esforço de superação, algo já ensaiado com Virgínia e seu entorno familiar, em *O lustre*; com Lucrecia e a sua inserção ou falta de inserção na cidade de S. Geraldo, em *A cidade sitiada*; e, também com Martim, em sua luta com a escrita, em *A maçã no escuro*. De fato, em *A maçã no escuro* há muitos elementos que podem ser relacionados com o registro dos primeiros livros bíblicos do Antigo Testamento, como a provisão de uma cidade de refúgio para onde um assassino não intencional poderia fugir. Martim é esse homem em fuga por um suposto crime, perseguido por uma espécie de vingador que o fará cumprir sua sentença, como vemos ao final da narrativa (OLIVEIRA, 2017).

Estes aspectos descrevem todos os personagens destacados como marginais, exercendo alguma forma de protagonismo periférico, apesar da aparente incongruência da expressão. De fato, como personagens, são centrais na narrativa, mas sua posição é, na construção do texto ficcional, a mimetização do deslocamento e da marginalidade. Sem dúvida, Macabéa, na novela de 1977, é a culminância desse processo mimético, redesenhando na construção ficcional uma diáspora criadora, simbólica, fadada à errância, enquanto a escritora buscava ampliar sua forma de expressão e de criação textual. É neste aspecto que Lispector vivenciou uma mudança de paradigma em seu projeto literário, ao escrever os contos encomendados do livro *A via crucis do corpo* (1974), obra que precisou defender da crítica que o considerou como lixo. De fato, outras formas de escritura se interpõem ao longo de sua vida, como as colunas – tão distintas – em jornais, mas não convém analisá-las aqui, pois o interesse está concentrado em seu fazer ficcional em obras cujo gênero se alinha à ficção. Assim, *A via crucis do corpo* é um marco pelos aspectos da encomenda do livro e pela reação da própria escritora ao aceitar a demanda, produzir os contos e, posteriormente, defendê-los. Na revista *Veja*, em julho de 1974, foi publicada uma crítica que afirmava o que livro era “lixo, sim: lançamento inútil”.

Clarice inicia sua obra com citações, próprias e de outros textos, como os Salmos, e de alguém que afirma não saber quem é; faz, portanto, um certo jogo entre mitos sagrados e profanos acerca da relação da espécie humana com as possibilidades do corpo. O corpo

é o tema, quase como entidade, como território; o corpo apreendido na compreensão de sua espacialidade. Assim, cita: “a minha alma está quebrantada pelo teu desejo. Salmos 119:12”. E, em seguida: “eu, que entendo o corpo. E suas cruéis exigências. Sempre conheci o corpo. O seu vórtice estonteante. O corpo grave.” (personagem meu ainda sem nome)” (LISPECTOR, 1998, pg. 8). Há, ainda, uma citação ao livro Lamentações de Jeremias: “por essas cousas eu ando chorando. Os meus olhos destilam águas”, bem como um “Salmo de David”: “E bendiga toda a carne o seu santo nome para todo o sempre” (LISPECTOR, 1998, pg. 8).

Após o sumário com os títulos dos 13 contos, a autora inseriu uma “Explicação”:

O poeta Álvaro Pacheco, meu editor na Artenova, me encomendou três histórias que, disse ele, realmente aconteceram. Os fatos eu tinha, faltava a imaginação. E era assunto perigoso. Respondi-lhe que não sabia fazer história de encomenda. Mas – enquanto ele me falava ao telefone – eu já sentia nascer em mim a inspiração. (LISPECTOR, 1998, p. 10)

Assim, Clarice Lispector confrontou-se com uma demanda da época que colocou em sua perspectiva o imaginário popular contemporâneo. Os fatos, reais, dariam a base para a ficcionalização, agregados de sua inspiração e imaginação. Seria uma literatura marginal, cujos temas aparentemente destoariam de sua poética de exílio em construção, e em suspenso, desde suas obras dos anos 1950 (OLIVEIRA, 2017). No entanto, esse olhar criador iria ser deslocado para a margem, para o até certo ponto ignorado, mas que agora seria tema de alguns contos. A escritora, portanto, descreve o processo de escrita nesta “Explicação”:

Eu mesma espantada. As histórias deste livro são contundentes. E quem mais sofreu fui eu mesma. Fiquei chocada com a realidade (...) Vão me jogar pedras. Pouco importa. Não sou de brincadeiras, sou mulher séria. Além do mais, tratava-se de um desafio. (LISPECTOR, 1998, p. 10)

De fato, os contos produzidos ‘sob encomenda’ retomam elementos de uma cultura cristã e do conhecimento que Clarice Lispector tinha acerca da parte hebraica da Bíblia, conhecida como Antigo (ou Velho) Testamento. O conto Via crucis é a reescrita do mito da sagrada família pautada no corpo carnal, sem anunciação divina, apenas o espanto da personagem, Maria das Dores, do marido e da médica ginecologista que “diagnosticou uma evidente gravidez” (LISPECTOR, 1998, p. 28). Após tomar um café para se acalmar, Maria das Dores, cujo nome é emblemático, se convence de que teria um “filho divino” e que “fora escolhida por Deus para dar ao mundo o novo messias” (LISPECTOR, 1998, p. 29).

Mas esse “Jesus vigoroso”, um “feto dinâmico” que lhe dava “violentos pontapés” (LISPECTOR, 1998, p. 29), torna-se fonte de preocupação para a mãe que não deseja que o filho sofra, e faz escolhas em seu benefício: “que posso fazer para que meu filho não siga a via crucis?” (LISPECTOR, 1998, p. 29). Assim, a perspectiva da narrativa se concentra na mulher que deseja reescrever a história de seu filho, ignorando a encenação

de uma narrativa sagrada que deveria repetir. Clarice Lispector se permite transgredir um relato bíblico redimensionando o corpo feminino dador da vida: apesar de conhecer a história e entender o relato de um possível enviado para morrer por outros, Maria das Dores tem dúvidas: “Mas parecia-lhe que se desse à criança o nome de Jesus, ele seria, quando homem, crucificado. Era melhor dar-lhe o nome de Emmanuel. Nome simples. Nome bom” (LISPECTOR, 1998, p. 30). Ao final, as frases que indicam o nascimento da criança refletem claramente o livre trabalho poético a partir do texto narrativo bíblico. Não interessa acompanhar a trajetória pessoal do menino, ou qualquer sacrifício dos pais. O resultado é incerto: “não se sabe se essa criança teve que passar pela via crucis”, relata o narrador para, em seguida, retirar qualquer singularidade deste suposto evento miraculoso, transformando a história de um, por mais peculiar e cercada de mistério que seja, na história de todos: “todos passam” (LISPECTOR, 1998, p. 33).

Por outro lado, ao escrever sua última novela, *A hora da estrela*, em 1977, um dos títulos oferecidos ao leitor é ‘História lacrimogênica de cordel’; desse modo, Lispector insere personagens marginais de contextos distintos, bem como um gênero literário descentrado, verbalizando, literal e simbolicamente, ‘o direito ao grito’, ou de voz, de novas tendências culturais literárias e de expressão de grupos que também se apropriam de um imaginário, clássico, sagrado ou popular, e o usa como matéria artística para colocar sob novas perspectivas e novas formas de apreciação. Macabéa também personifica uma coletividade em seu nome, os macabeus, grupo que resistiu à invasão helenística e procurou restabelecer o judaísmo no território do povo hebreu. Entretanto, a personagem de *A hora da estrela* se difere da resistência consciente e organizada, vivendo em sua miséria literal e metafórica, ausente da luta impossível.

Scliar retoma a trajetória da personagem Macabéa em seu livro *Saturno nos trópicos*: a melancolia europeia chega ao Brasil. Nessas reflexões, ele menciona que “Clarice era judia, o que fornecia um elemento adicional à sua condição de estrangeira”.

Uma condição difícil mas, até certo ponto, privilegiada. O estranho, aquele que vem de fora, percebe, na estrutura social, coisas que os nativos não vêem: fissuras, rachas, “os poros da sociedade” de que falava Marx (onde, ainda segundo Marx, os judeus se introduziam). (...) Desde os primeiros textos Clarice mostrou soberbo domínio da palavra. Seus contos, crônicas e romances fascinavam uma imensa legião de leitores. Na sua literatura não encontramos personagens judaicos, (...) Em Clarice o judaísmo está presente não nas linhas, mas nas entrelinhas — por exemplo, no melancólico, e tipicamente judaico, humor de seus textos. (SCLIAR, 2003, p. 238-239)

Scliar não menciona Clarice nos seus contos, romances. Mas, quando se investiga a presença clariciana nos textos de Scliar, ela é verificada no livro de ensaios *Saturno nos trópicos* e em crônicas do escritor. Na literatura dedicada ao público infanto-juvenil, Scliar poderia ter produzido algum livro mencionando Clarice, já que ele escreveu *Ataque do Comando P. Q.* (2001), *Ciumento de carteirinha* (2006), *O mistério da casa verde* (2000), *O*

*menino e o bruxo* (2007), *Câmera na mão*, *O guarani no coração* (1998), *O irmão que veio de longe* (2002), *O amigo de Castro Alves* (2005) e *O sertão vai virar mar* (2002), nos quais Scliar dialoga diretamente com obras de Machado de Assis, José de Alencar, Castro Alves e Euclides da Cunha. Cabe então a pergunta: se Scliar não tinha tanta admiração pelo trabalho de Clarice, por que não dedicou um livro infanto-juvenil dessa “série” dialogando com Lispector? Talvez porque Scliar sentiu dificuldade de transpor para o público infanto-juvenil textos com as características clariceanas.

O livro *O texto, ou: a vida: uma trajetória literária*, pode ser visto como um ensaio que também se assemelha a uma espécie de autobiografia de Scliar. Nessa publicação, ele conta fatos da sua carreira de escritor. Lá ele enumera os escritores brasileiros por quais seu trabalho literário foi influenciado. Estão nessa lista Erico Veríssimo e Monteiro Lobato. Nessa obra, o escritor gaúcho comenta que conheceu a obra de Clarice Lispector por intermédio de seu primo, o artista plástico Carlos Scliar (1920-2001):

Carlos, a propósito, foi das pessoas que mais me motivaram para a literatura em geral. Criticava meus textos com rigor implacável, ainda que amistoso, e orientava-me inclusive no que ler. Foi ele quem me introduziu a Clarice Lispector (1925-1977), lendo-me o conto *Uma galinha*, publicado na revista *Senhor*, da qual Carlos era editor de arte. Ouvi-o boquiaberto. Eu era garoto ainda, mas já estava escrevendo meus textos e, sobretudo, lendo bastante. Mas aquele texto... Deus, aquele texto era algo. Eu não imaginava que alguém pudesse escrever tão bem, e com tamanha profundidade. Desde aquele dia não mais deixei de ler Clarice Lispector, que, aliás, era judia, nascida na Ucrânia, embora se declarasse brasileira. O mesmo fazia, também, minha mãe. Deu-me o nome de Moacyr, uma homenagem talvez a José de Alencar (1829-1877), mas, principalmente, um nome brasileiro – melhor ainda, indígena. (SCLIAR, 2007, p. 39-40)

No ensaio intitulado *Entre Moisés e Macunaíma: os judeus que descobriram o Brasil* (2000), por Moacyr Scliar e Márcio Souza, Scliar afirma: “Não acredito que alguém possa ser indiferente ao seu judaísmo, nem mesmo num país como o Brasil, em que identidades frequentemente se desfazem naquilo que é chamado de geleia geral”, ou seja, “a marca judaica pode tornar-se tênue, mas não se desfaz” (SCLIAR, 2000, p. 26-27). Então comenta:

Lembro a propósito essa grande escritora que foi Clarice Lispector (1925-77). Emigrante da Rússia, como meus pais, ela pouco falava de seu judaísmo – talvez por ter sido casada com um diplomata em uma época em que a fina estirpe era *de rigueur* no serviço diplomático brasileiro. Mais que isto, em sua admirável literatura, a temática judaica prima pela ausência. E no entanto não falta em suas obras um componente judaico, representado principalmente pelo melancólico humor, e por aquela sensação de desenraizamento, de marginalização. Em seu derradeiro livro, *A hora da estrela*, a personagem principal, chamada Macabéa, é o protótipo da mulher perseguida, humilhada; nela se somam a condição feminina e a condição judaica. Numa conversa pessoal, Clarice falou-me, com certa tristeza, de sua admiração pelos escritores que podiam assumir o seu judaísmo. (SCLIAR, 2000, p. 26-27)

Como judeu e filho de imigrantes, Moacyr Scliar tinha plena consciência “do papel

da ambiguidade judaica. Adotar uma pátria era a principal tarefa, adaptar-se aos costumes e à história da nova terra, mas também tinha plena consciência política de uma história passada que jamais poderia ser desprezada” (SCLIAR, 2012, p. 42, 44). Consegue verificar a influência em Clarice Lispector, e aponta tal questão, mas o fato é que a autora não tratou abertamente desta herança, diferentemente da irmã, Elisa, e o fez de modo consciente e de pleno acordo com o direcionamento que quis dar à sua literatura.

Sem dúvida, muito ainda se pode tratar acerca da aproximação estética e literária possível no conjunto da produção de Moacyr Scliar e de Clarice Lispector. Da aceitação e pleno uso dos elementos do judaísmo na escrita, vista no escritor gaúcho, ou em seu apagamento, deixando apenas transparecer traços que podem ser rastreados, em Clarice, o diálogo é rico e instigante. Ler ambos implica em aceitar o convite para um aprofundamento de questões e temas clássicos acerca do imaginário humano a partir de seus mitos fundadores, das heranças e tradições que podem ser revisitadas e revistas, redimensionando nossa compreensão. No recorte realizado, colocamos em foco aspectos de judeidade presente em Lispector, destacando o lugar privilegiado da produção literária da autora nas letras brasileiras do mesmo modo como Moacyr Scliar alcançou projeção com seus textos, em intertextualidade com sua própria constituição como judeu.

Os projetos literários de Clarice e de Scliar permanecem inconclusos, pois a morte interrompeu a trajetória que sua literatura, cada um a seu modo, empreendia. Não foi possível aos autores escrever e publicar todos os textos que ansiavam, que aguardavam, que buscavam. A linguagem, incontornável, sempre lhes escapava ao domínio completo e complexo, mas ambos seguiam em seu encaixo, em busca da palavra exilada que resultaria na expressão cada mais certa do imaginário contemporâneo, dialogando diretamente com cada novo – ou de novo – leitor. Nossa proposta não se encerra na necessidade de encerrar estas linhas, mas se projeta para outras, múltiplas e diversas, leituras e (re)visitações dos autores e de suas obras.

## REFERÊNCIAS

FISCHER, Luís Augusto (Org.). **Moacyr Scliar**. São Paulo: Global, 2004. (Coleção Melhores Crônicas / Direção Edla van Steen)

HANCIAU, Nubia. Moacyr Scliar e a crônica. In: BERND, Zilá; MOREIRA, Maria Eunice; MELLO, Ana Maria Lisboa de (Orgs). **Tributo a Moacyr Scliar**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2012. p. 111-125.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

\_\_\_\_\_. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

OLIVEIRA, Marta Francisco de. **Que quer dizer cultura? Uma leitura de A hora da estrela, de Clarice Lispector**. Campo Grande: Editora UFMS, 2014.

\_\_\_\_\_. **Clarice Lispector: a poética de um (in)certo exílio**. Campo Grande: Life Editora, 2017.

\_\_\_\_\_. Um relato sobre a margem: a literatura lispectoriana entre a ficção e a realidade do exílio. In: **Revista Rascunhos Culturais**. Campo Grande, Editora UFMS. Vol. 7, 2017, p. 41-54.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; Biblioteca Nacional, 2008.

SCLIAR, Moacyr. **Manual da paixão solitária**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. **Os vendilhões do tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Porto de histórias: mistérios e crepúsculo de Porto Alegre**. Rio de Janeiro: Record, 2000. (Coleção Metrôpoles)

\_\_\_\_\_. **Saturno nos trópicos: a melancolia européia chega ao Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. ; SOUZA, Márcio. **Entre Moisés e Macunaíma: os judeus que descobriram o Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

SZKLO, Gilda Salem. **O bom fim do shtetl: Moacyr Scliar**. São Paulo: Perspectiva, 1990. (Debates; v. 231)

WALDMAN, Berta. **Entre passos e rastros: presença judaica na literatura brasileira contemporânea**. São Paulo: Perspectiva; FAPESP: Associação Universitária de Cultura Judaica, 2003. (Estudos; 191)

ZILBERMAN, Regina (Org.). **A poesia das coisas simples: crônicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ZILBERMAN, Regina. O olhar mágico de Moacyr Scliar. In: SCLIAR, Moacyr. **A nossa frágil condição humana: crônicas judaicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 9-21.

ZILBERMAN, Regina. Moacyr Scliar: a vida é a obra. In: SCLIAR, Moacyr. **A guerra no Bom Fim**. Porto Alegre: L&PM, 2013a. p. 7-16.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Arquétipos conceptuais 12, 13, 20, 21

### E

Escrita 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 31, 32, 35, 38, 43

Exílio 1, 2, 3, 7, 11

### G

Gramática 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 23, 24, 51, 61

### I

Iconicidade 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 46, 47, 48, 49, 50

Imaginário 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10

### L

Libras 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 62

Linguística 14, 20, 22, 25, 27, 28, 31, 35, 40, 51, 56, 57, 61, 62, 63

Literatura 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 44, 63

### S

Signos multimodais 37, 42

### T

Termos oracionais 12, 24

Tuítes 25, 26, 31, 32

### V

Variações linguísticas 51, 52, 55, 56, 60, 61

# REFLEXÕES SOBRE OS ESTUDOS DA LINGUAGEM NA CONTEMPORANEIDADE

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 @atenaeditora

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# REFLEXÕES SOBRE OS ESTUDOS DA LINGUAGEM NA CONTEMPORANEIDADE

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 @atenaeditora

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

